

# Usos da construção “é pra” na fala de trabalhadores rurais do Alto Oeste Potiguar

## *Uses of the construction “é pra” in the speak of rural workers from Rio Grande do Norte Upper West*

Francisco Roberto da Silva Santos<sup>1</sup>

Jailson José dos Santos<sup>2</sup>

Wellington Vieira Mendes<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva analisar os usos da construção “é pra” na língua portuguesa, a partir da fala de trabalhadores rurais do Alto Oeste Potiguar. Para tanto, coletamos amostras do uso dessa construção em um *corpus* de língua oral do Museu de Cultura Sertaneja (MCS), que consiste na transcrição de entrevistas realizadas em um projeto que investigava memórias dos engenhos e casas de farinha da região. O exame das amostras foi fundamentado teoricamente na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A abordagem metodológica adotada foi a perspectiva sistêmico-complexa (MENDES, 2018). As análises mostram o caráter polissêmico da construção “é pra”, sendo possível identificar diversos empregos comunicativos distintos, dentre os quais prevalecem como mais recorrentes as funções de (i) definição da funcionalidade de uma entidade concreta, (ii) estabelecimento de relação lógica de Propósito em uma sequência de atividades, e (iii) modulação de comandos. Na função de definir uma entidade concreta, a construção “é pra” permite aos informantes transmitir ao público leigo definições de instrumentos e cargos funcionais específicos dos engenhos e casas de farinha. Na construção de sequências de atividades, a construção “é pra” funciona como marcador de junção que estabelece relação lógica de Propósito entre figuras em um complexo oracional, ou entre figuras que estão em porções distantes do texto e até mesmo em turnos de fala diferentes. O uso da construção “é pra”, enquanto modulador de comandos, possibilita ao falante marcar um grau alto de obrigação/proibição, além de exprimir seu posicionamento crítico em relação a um dado estado de coisas.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional. Análise da modalidade oral da língua portuguesa. Usos da construção “é pra”.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the uses of the construction “é pra” (“is for”) in Brazilian Portuguese, from the speak of rural workers from Rio Grande do Norte Upper West. To this end, we collected samples of the use of that construction in an oral language corpus of the Museu de Cultura Sertaneja (MCS), which consists of transcribing interviews conducted in a project which investigated memories of the mills and flour houses of the region. The examination of the samples was theoretically based on Functional Systemic Linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). The methodological approach adopted was the systemic-complex perspective (MENDES, 2018). The analyzes show the polysemic character of the construction “é pra”, leading to the

<sup>1</sup> Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Encanto/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7251-3556>. E-mail: robertosantos@uern.br.

<sup>2</sup> Docente Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8542-1685>. E-mail: jailsonsantos@uern.br.

<sup>3</sup> Docente Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Assú (CAA). Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Assú/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2614-8842>. E-mail: wellingtonmendes@uern.br.



identification of several distinct communicative uses, among which the most recurrent were the functions of (i) defining the functionality of a concrete entity, (ii) establishing a logical relationship of Purpose in a sequence of activities, and (iii) marking modulation of commands. In its function of defining a concrete entity, the construction “é pra” allows informants to transmit to the lay public definitions of instruments and specific job positions in the mills and flour houses. In the construction of sequences of activities, the construction “é pra” functions as a junction marker which establishes a Purpose logical relationship between figures in a clause complex, or between figures which are in distant portions of the text and even in different speech moves. The use of the construction “é pra” as a command modulator enables the speaker to mark a high degree of obligation/prohibition, as well as to express his/her critical positioning in relation to a given state of affairs.

**Keywords:** Systemic Functional Linguistics. Analysis of the oral modality of Brazilian Portuguese. Uses of the construction “é pra” (“is for”).

## 1 INTRODUÇÃO

Considerando as proposições teóricas que compreendem a língua como instância modelada por seu uso social, este artigo se concentra na análise da multifuncionalidade da construção<sup>4</sup> “é pra” utilizada por falantes do português brasileiro. As ocorrências são extraídas de um *corpus* de língua oral do Museu de Cultura Sertaneja (MCS), fruto de suas atividades de pesquisa de campo com agricultores da região do Alto Oeste Potiguar no nordeste brasileiro quando, por meio de entrevistas gravadas, estes descrevem as suas experiências relacionadas ao trabalho em engenhos de cana-de-açúcar e casas de farinha, de maneira ainda mais específica quando relatam as suas memórias com aquelas culturas.

A escolha pelo *corpus* em análise justifica-se por três razões principais: (i) o envolvimento enquanto pesquisadores participantes das atividades de campo nesse projeto do MCS; (ii) a possibilidade de estudar a manifestação linguística de sujeitos do nosso próprio contexto sociocultural; (iii) a reflexão científica que se pode estabelecer a partir do conjunto complexo de dados de fala, permitindo um percurso que vai dos *corpus* para a teoria, diferentemente do que ocorre com recorrência maior nos trabalhos com dados.

Em vista desse trajeto (que entende no *corpus* a emergência do que se pode estudar), uma leitura prévia das entrevistas apontou para a recorrência e produtividade da construção “é pra”, incluindo sua instanciação no passado “era pra”, na fala dos trabalhadores rurais. Tal construção apresenta usos e sentidos bastante diversificados no discurso, estando vinculados à intenção de cada falante, isto é, de seus propósitos comunicativos.

Como arcabouço teórico para as análises e para as reflexões empreendidas em torno da construção “é pra”, lançamos mão dos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) que,

---

<sup>4</sup> Estamos usando o termo “construção” em sentido mais amplo, diferente daquele tomado pela Gramática de Construções, podendo, ao longo do texto, substituí-lo por “realização”, “expressão” ou outro que o valha.





dentre outros postulados, tem como premissa a relação natural entre a língua e o contexto. Nessa compreensão, o que os falantes realizam com a língua é determinante para a reconfiguração dos elementos do sistema a partir do uso, uma vez que, segundo Halliday; Matthiessen (2014), a realidade não preexiste à língua, mas é construída por ela.

Nas próximas seções, mostramos como a LSF se posiciona no paradigma funcionalista dos estudos linguísticos e detalhamos os principais conceitos que dão sustentação às nossas análises. Depois, apresentamos os aspectos metodológicos desta pesquisa, justificando sua filiação à perspectiva sistêmico-complexa (MENDES, 2018) e descrevendo o percurso aplicado para o recenseamento dos dados a partir do *corpus* oral do Museu de Cultura Sertaneja (MSC). Seguimos com análise dos dados de fala, cruzando as ocorrências do “é pra” com as proposições teóricas da LSF, para assim fazermos os apontamentos que advêm desse olhar analítico. Concluimos o texto com reflexões mais gerais sobre essas manifestações linguísticas por parte dos falantes, considerando as forças da dimensão social que os envolvem.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Podemos afirmar, de um modo bastante genérico, que o funcionalismo em Linguística consiste em uma corrente antagônica às vertentes tidas como formalistas, tais como o estruturalismo e o gerativismo. Enquanto estes focalizam a forma linguística (fonologia, morfologia, sintaxe), relegando a função que essa forma desempenha na comunicação cotidiana a um segundo plano, a corrente funcionalista, pelo contrário, “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (FURTADO DA CUNHA, 2009, p. 157). Longe de constituir uma linha homogênea, o que chamamos de funcionalismo linguístico abrange modelos teóricos variados (e muitas vezes até antagônicos), embora compartilhem entre si “a concepção de língua como um instrumento de comunicação que, como tal, deve ser analisada com base em situações reais de uso” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 19).

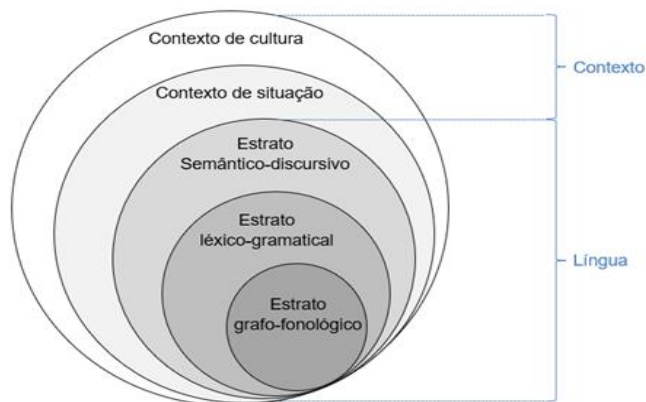
Neste artigo, utilizamos como modelo de análise a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), desenvolvida pelo inglês Michael A. K. Halliday. Essa linha teórica defende “a caracterização da língua e dos sistemas semióticos em geral como sendo estruturados pelo uso, isto é, determinados pelas necessidades dos seres humanos em razão da sua vivência em comunidade” (GOUVEIA, 2009, p. 17).

Na LSF, a língua é vista como um sistema semiótico estratificado (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014), isto é, modelado por estratos que representam os diferentes níveis de



abstração por meio dos quais a língua constrói a realidade dos falantes. Ao fazermos uso da língua em um contexto dado, elaboramos os significados (estrato semântico-discursivo), que são realizados em orações (estrato léxico-gramatical), que por sua vez são materializados na fala ou na escrita (estrato grafo-fonológico). Para Halliday; Matthiessen (2014, p. 25), “a língua é uma série de redundâncias através da qual conectamos nosso ambiente ecossocial a distúrbios não-aleatórios gerados no ar (ondas sonoras)”. Essa estratificação pode ser representada conforme o diagrama da Figura 1.

**Figura 1:** Estratificação da língua e do contexto.



Fonte: Adaptado de Halliday; Matthiessen (2014, p. 26).

A LSF tem como premissa a relação natural entre a língua e o contexto, uma vez que a realidade não preexiste à língua, mas é construída por ela (HALLIDAY, 1991). Assim, os textos devem sempre ser estudados em consonância com o contexto em que foram produzidos, dado que são os próprios aspectos contextuais que explicam e motivam a emergência dos sentidos. É preciso considerar também que todo texto ocorre em dois contextos: um externo, conhecido como contexto de cultura, que é descrito como um conjunto de todos os significados possíveis dentro de uma cultura particular; e um interno, conhecido como contexto de situação, que constitui um contexto mais específico e imediato que envolve o escritor ou o falante.

Além de estratificada e contextualmente situada, a língua é vista como socialmente funcional, o que se reflete no desenvolvimento de redes de sistemas especializados em realizar diferentes tipos de sentidos, incluindo os sentidos textuais, interpessoais e ideacionais, os quais são referidos na LSF como metafunções (HALLIDAY; MATTHIESEN, 2014).

Halliday (1978, p. 157) define a metafunção textual como a função que “preenche a exigência de que a língua seja operacionalmente relevante – que tenha uma textura, em contextos situacionais concretos”. Em outras palavras, é a metafunção que organiza a oração, dando-a coerência e inteireza linear e encaixando-a de forma coesa ao fluxo discursivo. Ela é realizada no nível léxico-gramatical



através do sistema de TEMA<sup>5</sup>, que se refere à organização sintática da sentença (relação tema-remata), e do sistema de Informação, referente à organização do fluxo de informação (relação dado-novo). A metafunção textual está sempre presente em qualquer ato comunicativo, agindo em conjunto com as outras duas metafunções.

A metafunção interpessoal é aquela que nos permite desempenhar, no discurso, “nossas relações sociais e pessoais com as outras pessoas ao nosso redor” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 30). O elemento interpessoal é o que dá à oração o caráter de proposição ou de proposta, através das quais nós informamos ou perguntamos, damos uma ordem ou oferecemos bens e serviços, e ainda avaliamos e expressamos nossa atitude em relação ao nosso interlocutor e ao conteúdo de nossa enunciação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Essa metafunção é realizada na léxico-gramática por meio dos sistemas de MODO (indicativo, imperativo e estruturas interrogativas) e MODALIDADE (auxiliares modais, elementos modalizadores). O MODO remete à seleção de papéis realizada pelo falante para si mesmo e para seu interlocutor, os quais podem ser de solicitante ou fornecedor de informação (no caso de uma pergunta ou/e declaração), ou ainda de solicitante ou fornecedor de bens e serviços (no caso de uma ordem ou oferta de favor).

O sistema de MODALIDADE, por sua vez, é concernente à expressão dos juízos e das intenções do falante em relação ao que ele comunica. Na troca de informações, o sistema dá ao falante a opção de indicar a probabilidade (*certamente, provavelmente, possivelmente*) de um evento, ou sua frequência (*sempre, geralmente, às vezes*) – nesses casos, referimo-nos como modalidade epistêmica, ou modalização. Na troca de bens e serviços, o falante tem as opções de expressar diferentes graus de obrigação (*necessário, aceitável, permitido*) ou de inclinação (*determinado, desejoso, disposto*) – temos agora o que chamamos modalidade deontica ou modulação. Ao modalizar proposições ou modular propostas, torna-se possível localizar nossas trocas linguísticas nos níveis intermediários entre os polos positivo e negativo, enriquecendo, assim, nossa atuação comunicativa.

Por fim, a metafunção ideacional é definida como a função que a língua exerce para “expressar um conteúdo em termos da experiência do falante e da experiência da comunidade linguística” (HALLIDAY, 1978, p. 147), sendo essas experiências tanto materiais como mentais. Através dos sentidos ideacionais, interpretamos, no discurso, nossas experiências exteriores e interiores, que consistem de um fluxo contínuo de eventos, ou acontecimentos. A oração pode ser vista, portanto,

---

<sup>5</sup> Acompanhando Halliday; Matthiessen (2014) e Martin; Rose (2007), grafamos os nomes dos sistemas léxico-gramaticais e semântico-discursivos com letras maiúsculas.





como um “modo de reflexão, um modo de impor ordem à variação e ao fluxo sem fim de eventos” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 170).

A metafunção ideacional é dividida em duas subfunções: a experiencial e a lógica. A função experiencial é responsável pela configuração dos eventos da experiência em forma de figuras. O sistema léxico-gramatical por meio da qual isso pode ser alcançado é o da TRANSITIVIDADE, que relaciona participantes, processos e circunstâncias em uma oração. Assim, uma figura é composta por participantes (como Ator e Meta, Experienciador e Fenômeno, Portador e Atributo, Identificado e Identificador etc.), envolvidos em diferentes tipos de processos (materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais ou existenciais), que podem eventualmente ocorrer sob determinadas circunstâncias (de tempo, local, causa, maneira e assim por diante). Por exemplo, na oração “daqui ele carregava tudo pa lá” (e2.enc.dr.879)<sup>6</sup>, temos os participantes *ele* como Ator e *tudo* como Meta, que estão envolvidos no processo material *carregava*, enquanto que *daqui* e *pa lá* funcionam como circunstâncias locativas que situam aquele processo no espaço.

A subfunção lógica, por sua vez, fica encarregada de encadear os eventos da experiência em uma sequência lógica. Do ponto de vista semântico, isso implica em relacionar as figuras de modo a compor sequências de atividades. Em termos léxico-gramaticais, a função lógica realiza a articulação entre orações de modo a formar um complexo oracional. Halliday; Matthiessen (2014) apresentam dois sistemas envolvidos na construção de complexos oracionais: o TÁTICO e o LÓGICO-SEMÂNTICO. O Sistema TÁTICO remete ao grau de interdependência entre as orações, envolvendo a escolha entre: parataxe (representada por números: 1, 2, 3...), quando as orações estão em *status* de igualdade, podendo ser potencialmente independentes uma da outra; e hipotaxe (representada por letras gregas:  $\alpha$ ,  $\beta$ ,  $\gamma$ ...), quando as orações possuem *status* diferente de interdependência, sendo uma referida como dominante e a(s) outra(s) como dependente(s). Por exemplo, no complexo oracional “o dinheiro é pra comprar e passar troco” (e5.lugac.110), as orações “pra comprar” e “e passar troco” possuem *status* de igualdade entre si (parataxe), ao mesmo tempo que são dependentes sintaticamente da oração principal “o dinheiro é...”, à qual estão encaixadas<sup>7</sup> (hipotaxe). Por sua vez, o Sistema LÓGICO-SEMÂNTICO refere-se ao tipo de relação lógica estabelecida entre os componentes do complexo oracional, podendo uma oração

<sup>6</sup> Essa oração foi retirada do *corpus* utilizado nesta pesquisa. O código, utilizado para preservar a identidade dos informantes, indica o número da entrevista, seguido de indicação do município em que foi realizada, das iniciais do informante, e do número de entrada do turno nas transcrições fornecida pelo Museu de Cultura Sertaneja.

<sup>7</sup> As orações encaixadas referem-se às orações que funcionam no nível do grupo. No exemplo em questão, as orações “comprar” e “passar troco” assumem, na oração principal, funções correlatas a grupos nominais.





projetar outra(s) em forma de ideia ou locução; ou então ser expandida através de elaboração, extensão ou realce.

As considerações teóricas acerca dos recursos linguísticos para articulação de orações podem ser complementadas fazendo menção ao sistema de CONJUNÇÃO proposto por Martin; Rose (2007). Os autores detalham as relações lógicas de junção por meio de um sistema de categorias que incluem Adição (por exemplo, os marcadores *e, além de, nem...nem*), Comparação (*como, exceto que, ao invés de*), Tempo (*depois, assim que, quando*), Causa (*porque, então, assim*), Meio (*através de, por meio de*), Condição (*se, contanto que, ainda que*), e Propósito (*pra/para, a fim de, de modo a, no intuito de, com vistas a*).

Apresentados os conceitos principais da LSF, que servirá de modelo teórico para a descrição e análise das amostras recenseadas para este trabalho, seguimos, na seção seguinte, com a apresentação dos aspectos metodológicos de nosso estudo.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, empregamos como abordagem metodológica a perspectiva sistêmico-complexa (MENDES, 2018), que consiste em abarcar o objeto de pesquisa, ou melhor, o sistema-de-interesse na consideração de que ele se integra a uma rede de sistemas interconectados de modo a compor uma totalidade complexa. Tal perspectiva converge com o modelo teórico a que nos filiamos neste trabalho, isto é, a LSF, cuja proposição orienta o pensamento sobre a língua como uma rede de sistemas interconectados entre si e com o contexto, na medida em que as escolhas produzidas em determinado estrato repercutem na rede de sistemas como um todo.

Como consequência, para compreender a multifuncionalidade da construção “é pra”, que consiste o nosso sistema-de-interesse, precisamos considerar que a realização dessa construção no estrato léxico-gramatical é resultado das escolhas realizadas no estrato semântico-discursivo, que, por sua vez, repercute as condições particulares do contexto em que se deu a produção linguística. Nesse particular, trata-se de considerar que as amostras analisadas foram produzidas em situações formais de comunicação, por sujeitos brasileiros, nordestinos que vivem ou viveram o período cultural da produção dos derivados da cana-de-açúcar nos engenhos, e também do beneficiamento da mandioca para a produção de seus derivados em casas de farinha.

O *corpus* é extraído de um banco de dados produzido a partir de entrevistas realizadas em uma ação extensionista do *Campus* Avançado da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na cidade de Pau dos Ferros/RN, através do Programa Raízes da Cultura Sertaneja (PROCULT).





Cadastrado institucionalmente junto à Pró-Reitoria de Extensão da universidade, o PROCULT é vinculado ao Museu de Cultura Sertaneja (MCS) e, em 2014, realizou a exposição intitulada “Memórias dos engenhos e das casas de farinha”, cujo acervo conta com as entrevistas de que nos dispomos para a coleta dos dados aqui analisados.<sup>8</sup>

Para compreender o percurso em que coletamos o *corpus*, esclarecemos que o Museu de Cultura Sertaneja dispõe desse banco de dados que se constituiu a partir de entrevistas realizadas com pessoas em várias comunidades rurais e urbanas das cidades da região do Alto Oeste Potiguar. A exposição foi precedida por esse trabalho de campo em que os integrantes do PROCULT visitaram engenhos e casas de farinha, fotografaram, filmaram, entrevistaram pessoas e transcreveram essas entrevistas, com a colaboração de estudantes da graduação em Letras – Português, Letras – Inglês e Letras – Espanhol, em atividades dos componentes curriculares no campo da Sociolinguística e da Sociologia da Linguagem, de modo que se constituiu uma compilação de dados de memória do Museu a partir dessas falas (transcrição das entrevistas). O trabalho de campo realizado com visitas *in loco* às casas de farinha e engenhos de cana-de-açúcar buscava compreender a história dos processos de beneficiamento dos dois produtos (cana e mandioca) e as narrativas acabaram-se constituindo um campo fértil para fragrante de certos usos nas falas dos sujeitos em seus contextos.

Acessamos o banco de transcrições das entrevistas na sede do museu, realizando o recenseamento das ocorrências do “é pra” em todo o *corpus*, com uso do recurso de Navegação do programa Microsoft Word. Nessas buscas, foram consideradas as realizações da construção “é pra” com o verbo ser no passado (*era*), e com a preposição nas formas *para* e *pa*. Uma vez delimitado cada trecho das ocorrências, fizemos uma checagem do material transcrito e disponível no MSC em comparação com as gravações das entrevistas em si, com dois propósitos principais: primeiro, fazer a checagem das ocorrências, isto é, comprovar se as falas transcritas correspondiam de fato ao material disponível em vídeo; e, segundo, com o propósito de compreender de forma mais contextualizada o emprego real de uso das expressões.

Na próxima seção, são analisadas as ocorrências da expressão “é pra” na fala daqueles trabalhadores rurais que vivenciaram os contextos históricos da produção de derivados da cana-de-açúcar e da mandioca nas décadas de 1960 a 1990 na região.

---

<sup>8</sup> O Museu de Cultura Sertaneja autorizou a utilização do material referente à exposição “Memórias dos engenhos e das casas de farinha” nesta pesquisa e a consequente divulgação em meios acadêmicos.







## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A partir das transcrições das entrevistas referentes à exposição “Memórias dos Engenhos e das Casas de Farinhas” do Museu de Cultura Sertaneja, foram observadas 41 (quarenta e uma) ocorrências da construção “é pra” na fala dos trabalhadores rurais entrevistados<sup>9</sup>. A partir dessas ocorrências, percebemos o caráter polissêmico dessa construção, sendo possível identificar diversas funções diferentes, dentre as quais resolvemos nos ater, considerando os limites deste artigo, às três funções mais prevalentes, quais sejam: (i) definição da funcionalidade de uma entidade concreta; (ii) estabelecimento de relação lógica de Propósito numa sequência de atividades; (iii) modulação. Ao longo desta seção, exploramos cada um desses usos da construção “é pra”.

### 4.1 Definição da funcionalidade de uma entidade concreta

Iniciamos com a função de definir a funcionalidade de uma entidade concreta, da qual os excertos de (1) a (6) são representativos:

- (1) alí era o carretelzim, que **é pra** dar velocidade (e1.por.fx.278)
- (2) aquela peça ali **é pra** tampar aqui pra massa não cair pra cá (e1.por.fx.432)
- (3) aquele dinheiro **era pra** funcionar ( ) a produção (e5.lug.ac.104)
- (4) o dinheiro **é pra** comprar e passar troco (e5.lug.ac.110)
- (5) um fogueiro, que **era pra** torrar (e13.drs.rb.200)
- (6) As mulher **era pra** lavar a massa (e13.drs.rb.205)
- (7) As mulheres **era pra** tirar alfenim (e9.por.jv.181)

As amostras de (1) a (7), em termos experienciais, localizam-se na região das orações relacionais do Sistema de TRANSITIVIDADE (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). As orações relacionais se caracterizam por envolver dois participantes, estabelecendo entre eles uma relação que pode ser de pertencimento a uma classe (atributivas) ou de identidade (identificativas). Interpretamos as orações de (1) a (7) como sendo do tipo identificativas, pois relacionam um participante Identificado (*o carretelzinho, aquela peça ali, aquele dinheiro, o dinheiro, um fogueiro, As mulher, As mulheres*) com outro participante, denominado Identificador, que estabelece uma identidade particular associada ao Identificado. A Figura 2 resume essa análise:

<sup>9</sup> Não incluímos, neste trabalho, as ocorrências da construção “é pra” proferidas pelos entrevistadores, uma vez que pretendíamos focalizar a variante do português falado pelos trabalhadores rurais do Alto Oeste Potiguar, ainda que os usos da construção “é pra” analisados aqui também possam ser observados, supomos, nas demais variantes.



**Figura 2:** Orações relacionais identificativas com a construção “é pra”.

(1)	que ( <i>o carretelzim</i> ) <sup>10</sup>	é	pra [[dar velocidade]] <sup>11</sup>
(2)	aquela peça ali	é	pra [[tampar aqui]] [[pra massa não cair pra cá]]
(3)	aquele dinheiro	era	pra [[funcionar a produção]]
(4)	o dinheiro	é	pra [[comprar]] [[e passar troco]]
(5)	que (um fogueiro)	era	pra [[torrar]]
(6)	As mulher	era	pra [[lavar a massa]]
(7)	As mulheres	era	pra [[tirar alfenim]]
	Identificado	Processo Relacional Identificativo	Identificador
	grupo nominal	grupo verbal	sintagma preposicional

**Fonte:** Elaboração própria.

Como pode ser notado na Figura 2, cada oração desse grupo tem na função de Identificado um participante realizado por um grupo nominal que tem como Núcleo um Ente que representa uma entidade concreta do mundo físico, seja objeto (*carretelzim, peça, dinheiro*), seja pessoa (*fogueiro, mulher, mulheres*).

Por sua vez, o participante na função de Identificador é sempre realizado por um sintagma preposicional encabeçado pela preposição *pra*, seguida de uma ou mais orações encaixadas, com verbo no infinitivo, em substituição a grupos nominais. Todos esses participantes associam àquelas entidades concretas uma identidade que é baseada na função que elas exercem, ou seja, uma identidade essencialmente pragmática. Compreende-se, por isso, a prevalência das orações encaixadas não-finitas, já que essas estruturas se prezam à realização léxico-gramatical de atos, podendo servir, portanto, à realização do sentido de função utilitária.

Assim, nesse primeiro grupo de orações focalizadas, a construção “é pra” foi empregada pelos informantes com o intuito de propor uma definição a entidades concretas, que no caso dos excertos (1) e (2), representam objetos bastante comuns aos trabalhadores de engenho e casas de farinha, mas ao mesmo tempo desconhecidos do público geral. Essas orações foram produzidas em um contexto de situação no qual esses trabalhadores foram solicitados a apresentarem seus locais de ofício, detalhando os processos e os instrumentos utilizados na fabricação da farinha ou dos derivados de cana-de-açúcar (rapadura, alfenim, mel). Nesse sentido, a oração relacional identificativa com a construção “é pra” aparece como uma das escolhas utilizadas por esses falantes na tentativa de elaborar, para o senso-comum, definições de entidades específicas de um discurso especializado.

<sup>10</sup> Optamos por indicar entre parênteses ( ) o referente do pronome anafórico.

<sup>11</sup> Os colchetes duplos [[ ]] indicam orações encaixadas.



As amostras (3) e (4), construídas pelo mesmo informante, coincidem também quanto aos participantes na função de Identificado. Essas orações foram realizadas após o informante ser indagado sobre o destino de sua produção. Esse assunto era pertinente aos entrevistadores, pois um dos objetivos do PROCULT era compreender os impactos socioeconômicos dos engenhos e casas de farinha na economia local. O informante então explicou que vendia a goma, a farinha e a rapadura, e o dinheiro dessa venda era utilizado no próprio engenho, para pagar os funcionários e fazer *funcionar a produção*, e também para usar no comércio dos produtos que ocorria no próprio engenho: *comprar e passar troco*.

Quanto às orações (5), (6) e (7), encontramos, no papel de Identificado, entidades que referem-se a pessoas, ou mais especificamente a funções exercidas por pessoas no processo produtivo dos engenhos e casas de farinha. O excerto (8), a seguir, recupera o contexto maior em que as orações (5) e (6) foram produzidas:

(8) *Entrevistador 1*: Quantas pessoas em época de farinha tavam ali envolvida, mais ou menos assim?

*RB*: Eram três... quatro para arrancar, um pra carregar faz cinco ((conta nos dedos)). Um preenseiro, um fogueiro, que **era pra** torrar [sete]. E:: seis mulher pra raspar, que chamava de rapadeira. Eram seis. Duas para lavar aquela massa pra tirar a goma. Uma pessoa pra carregar a água, tem () precisava, viu?

*AB*: uma faixa de dezoito pessoas, né!?

*RB*: Era

*Entrevistador 2*: Mais homens ou mais mulheres?

*AB*: Mais homens.

*RB*: Mais homens. As mulher **era pra** lavar a massa.

*AB*: O trabalho era mais ou menos dividido, né!? Era seis pra raspar e duas pra lavar. E tinha a da cozinha, né!? Era mais ou meno dividido. As... os... Entre homi e mulher. (e13.drs.199-205)<sup>12</sup>

Nesse trecho da entrevista, aparecem as vozes de dois entrevistadores e dois informantes, AB e RB, que são irmãos e mantêm uma casa de farinha no município potiguar de Doutor Severiano. Ao ser questionado sobre o número de pessoas envolvidas na fabricação da farinha e da goma, RB vai citando as pessoas e dizendo as atividades que elas operavam. Algumas dessas pessoas aparecem, no discurso de RB, nomeadas pela função que elas ocupavam naquela linha de produção (*um preenseiro, um fogueiro, rapadeira*). No momento em que cita o fogueiro, o informante sente a necessidade de apresentar uma definição desse termo, por não ser comum aos leigos. Essa definição se apresenta na forma da oração relacional identificativa *que era pra torrar*, conforme vimos na Figura 2. Há, aqui, mais uma vez, o uso desse tipo de estrutura no sentido de aproximar o discurso específico e restrito a um campo da atividade humana (engenho e casa de farinha) ao discurso mais geral, do senso-comum.

<sup>12</sup> Nos excertos mais extensos das entrevistas, os informantes são indicados pelas iniciais de seus nomes à frente de suas respectivas falas. O código apresentado após a citação traz as demais informações referentes ao material transcrito, conforme já indicamos na nota de número 6.



Mais adiante, ao ser questionado se havia mais homens ou mais mulheres envolvidas na produção, RB repete a resposta do irmão AB (*Mais homens*), complementando com a oração relacional identificativa *As mulher era pra lavar a massa*. É interessante observar que, nessa oração, as mulheres aparecem como uma entidade genérica, que recebe uma identidade que coincide com a função única por elas exercida naquele campo de atividade. Nesse ponto, o informante parece querer contrapor o papel limitado e homogêneo das mulheres na fabricação da farinha às inúmeras funções exercidas pelos homens, o que justificaria o número maior destes. Essa sentença deixa entrever no discurso de RB certo apequenamento do papel das mulheres na linha de produção da casa de farinha. Esse sentido parece ter sido percebido por AB, que, na tentativa de atenuá-lo, tomou o turno para defender que *o trabalho era mais ou menos dividido* entre homens e mulheres.

#### 4.2 Estabelecimento de relação lógica de Propósito

Destacamos, a partir de agora, outra função da construção “é pra”, isto é, a de indicar uma relação lógica de Propósito em uma sequência de atividades. Esse uso pode ser notado nas amostras de (9) a (14).

- (9) arrumava tudo em casa que **era pra** depois do almoço ir pro engenho. (e2.enc.dr.07)
- (10) Aí tem um canto que é de tu () de passar aquela massa de novo, aquele bolão de massa seco, tá entendendo? [hurum] passa que **é pra** dali passar pra cá pro forno (e5.lug.ac.164)
- (11) desmachar de novo que **é pa** fazer a goma (e5.lug.ac.180)
- (12) precisava plantar mandioca que **era pra** butar (*a casa de farinha*) pra rodar (e8.lug.eb.01b)
- (13) depois de seco tem outro moço que vai pegar de lá e levar que **é pra** queimar (e8.lug.eb.96)
- (14) tava dizendo que ia ver se arranjava essa máquina pra elas, que **era pra** fabricar oito mil tijolos daqueles por dia (e8.lug.eb.163)

Essas amostras assemelham-se a (1) e (5), pelo emprego do pronome relativo *que* antecedido da construção “é pra”. No entanto, como é mostrado na Figura 2, naquelas orações o pronome relativo tinha como referente um grupo nominal mencionado na oração anterior. Nos casos das ocorrências de (9) a (14), o pronome *que* retoma toda uma oração (*arrumava tudo em casa; passa (aquela massa); desmanchar de novo; precisava plantar mandioca; levar; ia ver se arranjava essa máquina pra elas*), impossibilitando a interpretação de que a construção “é pra” esteja mais uma vez compondo uma oração relacional identificativa. Devemos agora interpretar o papel dessa construção, acrescida ao item *que*, como o de conector entre duas figuras, de modo a formar uma sequência de atividades, que é realizada léxico-gramaticalmente na forma de complexo oracional, conforme ilustrado na Figura 3.



**Figura 3:** Sequências de atividade com a construção “é pra”.

(9)	<i>arrumava tudo em casa</i>	<i>que era pra</i>	<i>depois do almoço ir pro engenho</i>
(10)	<i>passa (aquela massa)</i>	<i>que é pra</i>	<i>dali passar pra cá pro forno</i>
(11)	<i>desmanchar de novo</i>	<i>que é pra</i>	<i>fazer a goma</i>
(12)	<i>precisava plantar mandioca</i>	<i>que era pra</i>	<i>butar (a casa de farinha) pra rodar</i>
(13)	<i>(outro moço vai) levar</i>	<i>que é pra</i>	<i>queimar</i>
(14)	<i>ia ver se arranjava essa máquina pra elas</i>	<i>que era pra</i>	<i>fabricar oito mil tijolos daqueles por dia</i>
		conector	
	oração $\alpha$		oração $\beta$
	complexo oracional		

Fonte: Elaboração própria.

Percebemos, pois, que nas sentenças de (9) a (14), a construção “é pra” assume uma função um pouco mais abstrata e também mais gramatical do que no grupo de (1) a (7). Os componentes *é/era e pra* não aparecem mais separados em grupos diferentes na escala de níveis (verbal e preposicional), e também “perderam” suas respectivas funções de processo relacional e preposição, estando agora ambos no mesmo grupo que tem função de conector, ou marcador de junção (MENDES, 2018), a qual é tipicamente realizada pela classe das conjunções. Da mesma forma, a construção “é pra” também deixou de funcionar na região experiencial da metafunção ideacional, como ocorria nas sentenças de (1) a (7), e passou, nas sentenças de (9) a (14), a cumprir um papel no outro componente dessa metafunção: a lógica, que dá conta da estruturação dos complexos oracionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Nos termos da classificação proposta por Martin; Rose (2007), podemos categorizar o tipo de relação lógico-semântica presente nos complexos oracionais de (9) a (14) como de Propósito. Para realizar esse tipo de relação, os falantes de língua portuguesa contam com marcadores explícitos de junção tais como *pra/para, a fim de, de modo a, no intuito de, com vistas a*, dentre outras. Desses marcadores, somente a primeira opção (*pra/para*) ocorre no *corpus* aqui investigado, como pode ser observado nos excertos (15) e (16).

(15) Todo mundo por ali já me chamava pra ajudar (e4.enc.di.826a)

(16) pagava uma pessoa para raspar tudim (e13.drs.rb.354b)

Havendo a opção de utilizar um simples marcador *pra/para* a fim de estabelecer a relação lógica de Propósito, quais motivos levam os falantes a optarem pela construção mais complexa usando o “é pra”? No nosso entender, há pelo menos duas razões, ambas concernentes à metafunção textual.

A primeira está relacionada com o sistema de INFORMAÇÃO, responsável pela estruturação do discurso em termos de Dado e Novo. Segundo Halliday; Matthiessen (2014, p. 116), em termos linguísticos, o conceito de informação consiste na “tensão entre aquilo que é já conhecido ou previsível



e aquilo que é novo ou imprevisível”. Isto posto, a escolha pela realização *que é/era pra* nos excertos de (9) a (14) possibilita a retomada da oração dominante ( $\alpha$ ) do complexo oracional, por meio do elemento anafórico *que*, a qual torna-se Informação Dada, de modo a dar destaque à oração dependente ( $\beta$ ) enquanto Informação Nova. Em outras palavras, dá-se um peso informacional mais destacado à oração dependente, que representa o propósito da ação expressa na oração dominante. Isso pode ser visualizado na Figura 4:

**Figura 4:** Estrutura Dado + Novo em complexos oracionais constituídos de “é pra”.

<i>arrumava tudo em casa</i>	<i>que</i>	<b><i>era pra depois do almoço ir pro engenho</i></b>
<i>precisava plantar mandioca</i>	<i>que</i>	<b><i>era pra butar pra rodar</i></b>
<i>ia ver se arranjava essa máquina pra elas</i>	<i>que</i>	<b><i>era pra fabricar oito mil tijolos daqueles por dia</i></b>
Novo	Dado	Novo

Fonte: Elaboração própria.

A Figura 4 mostra que, ao invés de sobrepor duas informações novas, o que traria certa “dificuldade” de natureza linguístico-cognitiva aos falantes envolvidos na comunicação, a primeira oração é atualizada no discurso através do item *que*, tornando-se o elemento Dado no qual se apoia a informação Nova trazida pela segunda oração. Dessa forma, o falante, também, consegue imprimir um peso informacional mais intenso no propósito expresso na oração dependente.

A segunda razão para a escolha da construção “é pra”, enquanto marcador juntivo, é de ordem coesiva. Para Halliday; Matthiessen (2014, p. 114), a coesão refere-se aos recursos não-estruturais providos pela gramática e empregados “para criar ligações semânticas através das sentenças”, concorrendo, assim, para o gerenciamento do “fluxo discursivo”. Um desses recursos de coesão consiste justamente nas conjunções, ou marcadores juntivos, como estamos preferindo denominar neste trabalho, na esteira de Mendes (2018). Os marcadores juntivos não se limitam somente a conectar orações em um complexo oracional, mas podem ocorrer entre segmentos maiores de texto, e até mesmo entre turnos de fala. Isso é o que se vê nos excertos (17) e (18), respectivamente:

(17) CT: Pois é, aí vem tio Lião, né? E tio Augusto até já tinha vindo

O2: Que **era pra** pegar o povo (e2.enc.ct/o2.814-815)

(18) Mas eu pelejei fazer um empréstimo fosse lá de quanto fosse, e não tem jeito. Não teve jeito. Ninguém me ajudou, ninguém deu. Teve um rapaz que partiu aqui, que aí quando ele saiu daqui eu disse a ele “moço, me ajude a fazer um... um empréstimozinho, que eu fiquei () agora, eu fiquei na mal. Me ajude a fazer um empréstimozinho.” “Vou fazer. Vou fazer tudo por você.” Aí quando chegou no dia fez – que a época tá passando, tá passando. Daqui a dois mês se o caba chegar com vinte mil conto e disser “você me paga com dois no final do ano”, eu não quero. Pra quê? Só se **fosse pra** mim beber de cachaça e dar fim ao dinheiro alheio. Mas **era pra** eu plantar, que não deu porque eu não tinha condição mais, tá entendendo? (e8.lug.eb.01a)



Em (17), vemos que o falante O2 assaltou o turno do falante CT, com o objetivo de complementar sua fala. Ele então utilizou o marcador juntivo *que era pra* no sentido de estabelecer uma relação lógica de Propósito entre as figuras realizadas pela oração *pegar o povo* e a oração *tio Augusto até já tinha vindo*, expressa pelo outro interlocutor. Nesse sentido, o item *que* reinsere no discurso aquela oração construída por CT, para que possa ser, em seguida, realçada pela oração de Propósito.

Já em (18), a oração *era pra eu plantar* estabelece uma relação lógica de propósito com a ação de *fazer um empréstimo*, que está diluída no discurso previamente oralizado pelo informante. Diferente de (17), que utilizou o pronome anafórico *que* para retomar uma figura anteriormente expressa, em (18) a figura *fazer um empréstimo* foi reinserida no discurso por meio de elipse do sujeito. Aparece também o marcador de junção *mas*, utilizado para contrastar a ideia de *plantar* com as ações de *beber cachaça* e *dar fim ao dinheiro alheio*, expressas anteriormente como possíveis propósitos do empréstimo, mas que são rechaçadas pelo falante. Esses outros propósitos foram introduzidos na fala do informante também através de uma variante da construção “é pra”, com o verbo no subjuntivo, o que demonstra a possibilidade de uso da construção com outras formas do verbo *ser* não incluídas nos objetivos deste estudo. Enfim, tanto a sentença com *era pra*, como a sentença com *fosse pra*, cumprem a função de reestabelecer no discurso, por elipse do sujeito, uma figura previamente expressa (*fazer um empréstimo*), ao mesmo tempo em que cria com esta uma relação lógica de Propósito.

As análises dos excertos (17) e (18) mostram, portanto, que o emprego da construção “é pra” como marcador explícito de junção possibilita o encadeamento lógico entre categorias que se encontram além dos limites do complexo oracional, mas que atravessam diferentes porções textuais, e até mesmo diferentes turnos de fala. Por isso essa construção torna-se mais efetiva em termos linguístico-cognitivos, nesses contextos, do que o simples marcador *pra/para*, já que pode ser combinado com o pronome anafórico *que*, ou ainda com o recurso do sujeito em elipse, facilitando, assim, a retomada da figura com a qual o marcador estabelece a relação lógico-semântica.

### 4.3 Modulação

Vamos nos ater agora à última categoria de usos da construção “é pra”, que se refere à função de modular comandos. Devemos, aqui, adentrar outra região da gramática sistêmico-funcional, isto é, a metafunção interpessoal, cuja perspectiva considera a oração como proposição (quando há troca de informações - perguntas e declarações) ou proposta (quando há troca de bens e serviços - comandos e ofertas). O sistema de MODALIDADE atua sobre as proposições no sentido de modalizar declarações



numa escala que vai da dúvida à certeza; e atua sobre as propostas com o intuito de modular injunções numa escala que vai da proibição à obrigação. É justamente nesse último aspecto que funcionam as construções destacadas nas amostras seguintes:

- (19) Num **é pa** dizer isso não (e2.enc.dr.889)
- (20) Aí papai disse, “**olhe, é pa** virar de uma, de duas horas da madrugada pra três.” (e4.enc.jf.64)
- (21) ‘Aquele pessoal vem pra cá fazer uma entrevista com pai’. Você é bom de verdade, né? Você **era pra** ter dito que eu... eu tivesse iniciativa de que... do que eu ia falar. Poderia ter corrigido a memória... (e13.drs.rb.491)
- (22) Eu digo assim, os meu fi não tem medo de gente, porque hoje **era pra** tá tudo aqui, num – correram todo mundo. (e12.tab.tg.75)
- (23) As puxadeiras, porque chega de manhã, né? Chega pela parte da manhã, mas é um trabalho, é um sacrifício, mas **era pra** ganhar igual, porque eu trabalhei e eu sei o quanto eu sofri. (e6.smi.mv.299)
- (24) A agricultura deles, familiar deles, que eles tão abandonando, cada dia que passa só faz abandonar, né? E a gente quer resgatar isso aí, num **é pra** ficar fora da história porque todos daqui é agricultor, então a gente quer resgatar essa agricultura. (e6.smi.mv.293)

Vemos nos excertos de (19) a (24) que a construção “é pra” assume função análoga a um verbo modal (como *deve/deveria*, *pode/poderia*), antecedendo sempre uma forma verbal no infinitivo (*dizer*, *virar*, *ganhar*, *tá (estar)*, *ter dito*), que consiste no Predicador da oração. Isso pode ser melhor observado através da Figura 5, em que as orações são analisadas na perspectiva do sistema de MODO.

**Figura 5:** Análise do MODO de orações com a construção “é/era+pra” na função de modulador.

(19)				Num	é pa	dizer	isso	não
(20)					é pa	virar		de uma, de duas horas da madrugada pra três
(21)		Você			era pra	ter dito	[[que eu... eu tivesse iniciativa de que... do que eu ia falar]]	
(22)	porque	hoje	(os meu fi)		era pra	tá		tudo aqui
(23)	Mas		(as puxadeiras)		era pra	ganhar		igual
(24)			(isso aí)	num	é pra	ficar		fora da história
	Elemento textual	Adjunto	Sujeito	Marcad. de polaridade	Marcad. modal	Predicador	Complemento	Adjunto
				Finito				

Fonte: EElaboração própria.

A análise proposta na Figura 5 sugere que a construção “é pra” cumpre, nessas orações, o papel de marcador modal, compondo o elemento Finito. O Finito consiste na parte do grupo verbal responsável pela especificação do tempo da oração e/ou da opinião do falante. No caso da construção em análise, ambas as funções são cumpridas, já que seu uso permite a expressão de significados





relacionados ao julgamento do falante, ao mesmo tempo em que a escolha entre as duas conjugações do verbo *ser* permite fazer a seleção de tempo em presente ou passado.

Deste grupo de orações, somente (19) e (20) apresentam-se no modo imperativo, que é o modo oracional prototípico das orações de comando. Nessas orações, fica evidente o emprego da realização *é pa* com a intenção de marcar grau alto de obrigação, no caso da polaridade positiva (20), e grau alto de proibição, no caso de polaridade negativa (19). Em (20), o comando foi indireto, pois o informante relatava um acontecimento de sua infância, quando seu pai ordenava aos filhos que levantassem cedo para ajudar no engenho. Já em (19), o comando foi direto, e partiu de uma das informantes (DR) dirigindo-se a seu marido (CT), no momento em que ambos estavam sendo entrevistados. O excerto (25) reproduz o contexto maior dessa fala:

- (25) DR: Ói, *Fulano*<sup>13</sup>, quando ele era prefeito, quando ele era vivo, prefeito não, já tinha deixado de ser prefeito, ele ainda carregava as cana da gente, todo mundo, aí daqui ele carregava tudo pá lá.  
CT: *Fulano*  
DR: Porque o engenho dele, vige é sofisticado, o engenho de *Fulano* é dos bons, viu?  
O: Diante dos outros que eram antigos.  
CT: Ó, ele...  
DR: É de otos, outros que eram antigos.  
CT: *Fulano*, fez uma covardia num foi ele, depois eu soube que foi ele.  
O: Nam, papai, num tem nada a ver.  
CT: Quer dizer porque eu tirei moagem aí eu fui veterinário, fiz um cur de veterinário, trabalhei nessa região todinha, era cheio de gente, de casa.  
O: Papai, num vai colocar isso aí não.  
DR: Num **é pa** dizer isso não.  
CT: E aí era coisa da vida, isso foi da vida. ((risos))

Esse trecho mostra que o informante CT tentava narrar um acontecimento envolvendo um importante político da região, no qual o próprio informante se sentiu desrespeitado ou lesado (*fez uma covardia*), mas foi prontamente censurado por sua filha (O), e depois por sua esposa (DR). É daí que emerge a oração (19), em que DR, desconfortável ou talvez com receio de sofrer qualquer tipo de sanção, busca proibir seu marido de emitir opinião negativa sobre tal personalidade poderosa e influente, que apesar de já ter morrido, deixou descendentes que também exercem certo grau de poder político-econômico na região.

A partir do trecho (25), é possível também compreender que a escolha pelo modulador *é pra* na realização de comandos no uso do modo imperativo talvez esteja restrita aos sujeitos em uma posição hierárquica mais alta na relação entre os interlocutores. Nas duas vezes que tentou interpor a fala do

<sup>13</sup> Utilizamos o termo “*Fulano*” em substituição ao nome do sujeito referenciado pelo informante, de modo a preservar sua identidade.



pai, a informante O não lançou mão dessa construção, que só apareceu na elocução da esposa DR, que resguarda uma posição de igualdade de poder em relação a CT. Analogamente, na amostra (19) a construção *é pra* realizou-se no discurso relatado atribuído ao pai, que obviamente assume um posto hierárquico mais elevado em relação aos filhos.

Retomando as demais orações mostradas na Figura 5, notamos que (21), (22), (23) e (24) apresentam-se no modo declarativo, o que não retira o papel de modulador da construção “é pra” presente nessas orações, mas traz um sentido adicional que vai além de simplesmente expressar obrigações e proibições. Nessas orações, a expressão “é pra” também manifesta uma atitude crítica do falante quanto a determinado estado de coisas.

Em (21), o informante utiliza a realização *era pra* com vistas a fazer uma reclamação ao entrevistador, por este não ter avisado com antecedência sobre qual seria o teor da entrevista, pois ele gostaria de ter se preparado melhor. A informante de (22), por sua vez, utiliza a mesma construção para lamentar o fato de seus filhos estarem morando distante, em outras cidades.

Quanto ao excerto (23), a falante realiza a oração *mas era pra ganhar igual* para expressar seu descontentamento em relação à desigualdade de remuneração entre homens e mulheres (*puxadeiras*) na produção dos derivados de cana-de-açúcar. Desse modo, materializa-se mais uma vez em nossas amostras um tema que parece bastante problemático, mas que persiste no contexto de cultura dos trabalhadores rurais entrevistados, que é a desvalorização da mão-de-obra feminina.

Por fim, ao dizer *num é pra ficar fora da história*, a informante de (24) expressa seu lamento pelo fato de os mais jovens de sua região estarem cada vez mais desinteressados pela agricultura, deixando assim de tomar contato com um aspecto essencial da cultura e da história de sua comunidade. Ao mesmo tempo, o uso do verbo *ser* no presente indica que a falante ainda espera poder reverter esse processo, a partir de seu trabalho de resgate da agricultura familiar na região.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou explorar os múltiplos sentidos da construção “é pra” na língua portuguesa, a partir da fala de trabalhadores rurais do Alto Oeste Potiguar. Para tanto, coletamos amostras do uso dessa construção em um *corpus* que consiste na transcrição de entrevistas realizadas no âmbito do PROCULT/MCS/UERN, que investigava memórias dos engenhos e casas de farinha da região. O exame das amostras foi fundamentado na LSF.





Dos possíveis empregos da construção “é pra”, focalizamos os três que apresentaram maior recorrência. A análise desses usos nos levou a sondar diferentes regiões da Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiessen (2014).

Na função de definir uma entidade concreta, o exame da construção “é pra” colocou-se no escopo do componente experiencial da metafunção ideacional. Vimos que essa construção foi utilizada na composição de orações relacionais identificativas, as quais se mostraram uma escolha pertinente para que os informantes pudessem transmitir ao público leigo definições de instrumentos e cargos funcionais específicos dos engenhos e casas de farinha.

A segunda categoria de usos do “é pra” explorada neste artigo foi a de estabelecimento de relação lógica de Propósito. Nesse caso, o papel léxico-gramatical assumido pela construção remete ao componente lógico da metafunção ideacional, que permite construir sequências de atividades por meio das orações conectadas por um marcador de junção. Além disso, exploramos a metafunção textual ao mostrarmos que a escolha da construção “é pra”, enquanto marcador juntivo, torna-se mais efetiva que o simples marcador *pra/para* nas situações em que o falante quer dar destaque de Informação Nova à oração de Propósito, e também quando o falante deseja realçar o propósito de uma ação expressa num momento bem anterior de sua fala, ou até mesmo por outro interlocutor em seu respectivo turno.

Exploramos ainda a metafunção interpessoal, mais especificamente o sistema de MODALIDADE, ao analisarmos o uso da construção “é pra” enquanto marcador de modulação. Vimos que, na estrutura léxico-gramatical, a construção funciona analogamente a um verbo modal e, do ponto de vista semântico-discursivo, opera como modulador de comandos, no sentido de marcar um grau alto de obrigação (no polo positivo), ou de proibição (no polo negativo). Além disso, observamos que o modulador “é pra” mostra-se um recurso retórico bastante estratégico, ao possibilitar que o falante exprima seu posicionamento crítico em relação a um dado estado de coisas.

Este artigo também identificou, a partir dos usos do “é pra”, determinados temas presentes no contexto de cultura dos trabalhadores rurais; temas estes que são bastante relevantes do ponto de vista dos estudos sociais e do discurso. Por exemplo, a (des)valorização do trabalho da mulher no campo, a restrição de liberdade para criticar agentes políticos, e a perda de interesse dos mais jovens pela atividade agrícola enquanto tradição cultural de um povo. Apesar do enfoque dado por este estudo aos níveis semântico e léxico-gramatical da língua, não pudemos nos furtar de tratar desses aspectos, ainda que superficialmente, uma vez que eles ajudam a entender as escolhas linguísticas dos informantes. Essa postura teórico-metodológica, por nós adotada, é um dos pontos de distinção dos estudos funcionalista, no qual se inclui a LSF, em relação aos estudos com viés formalista, conforme discutimos na seção de





fundamentação teórica. A orientação sistêmico-funcional enxerga língua e sociedade como um todo complexo, o que impossibilita o estudo da forma gramatical indissociado dos sentidos e dos discursos que compõem o contexto de cultura dos falantes.

## REFERÊNCIAS

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. *In*: MARTELOTA, M. E. **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. *In*: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. São Paulo: Global, 1978. p. 125-161.

HALLIDAY, M. A. K. The notion of ‘context’ in language education: interaction and development. *In*: WEBSTER, J. (ed.) **Language and education**. London and New York: Continuum, 1991. p. 269-290.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **Halliday’s introduction to functional grammar**. 4. ed. Oxford/New York: Routledge, 2014.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the cause**. London and New York: Continuum, 2007.

MENDES, W. V. A perspectiva sistêmico-complexa na relação com os estudos da linguagem: experiência com textos acadêmicos. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 7, n. 1, p. 21-40, jan./abr. 2018.

MUSEU DE CULTURA SERTANEJA. Transcrições das entrevistas referentes à III exposição temática do MCS “memórias dos engenhos e das casas de farinha”. **Primeira edição do programa de extensão raízes da cultura sertaneja**. Pau dos Ferros: UERN, 2018.

*Artigo recebido em: 28/05/2020*  
*Artigo aprovado em: 26/06/2020*  
*Artigo publicado em: 08/07/2020*

## COMO CITAR

SANTOS, F. R. da S.; SANTOS, J. J. dos; MENDES, W. V. Usos da construção “é pra” na fala de trabalhadores rurais do Alto Oeste Potiguar. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-20, e02009, 2020.

